

# Expressão da futuridade na história da língua portuguesa<sup>1</sup>

*Jan Hricsina*

Universidade Carolina (Praga)

*Jan Hricsina. EXPRESSÃO DA FUTURIDADE NA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA*

**Resumo.** O artigo ocupa-se da análise diacrónica dos paradigmas verbais portugueses que exprimem o tempo futuro: *farei, faço, vai fazer e irei fazer*. O objetivo principal do texto é analisar e comparar a frequência e as funções modo-temporais dos paradigmas em questão na evolução da língua portuguesa. A pesquisa baseia-se no corpus linguístico [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

**Palavras-chave:** língua portuguesa; linguística diacrónica; linguística corporal; tempo futuro; paradigmas *farei, faço, vou fazer e irei fazer*.

*Jan Hricsina. WAYS OF EXPRESSING FUTURE TIME IN THE HISTORY OF PORTUGUESE LANGUAGE*

**Abstract.** The paper focuses on the diachronic analysis of the Portuguese verbal paradigms that express the future tense: *farei, faço, vou fazer* and *irei fazer*. The principal objective of this study is to analyze and to compare the modotemporal functions of these paradigms in the evolution of the Portuguese language. The research is based on the linguistic corpus [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

**Keywords:** Portuguese language; diachronic linguistics; corpus linguistics; future tense; paradigms *farei, faço, vou fazer* and *irei fazer*.

*Ян Хричина. СРЕДСТВА ЗА ИЗРАЗЯВАНЕ НА БЪДЕЩЕ ВРЕМЕ В ИСТОРИЯТА НА ПОРТУГАЛСКИЯ ЕЗИК*

**Резюме.** Настоящата статия е посветена на диахронния анализ на португалските глаголни парадигми за изразяване на бъдеще време: *farei, faço, vou fazer* и *irei fazer*. Основна цел на изследването е да разгледа в съпоставителен план честотата на употреба и модално-темпоралните функции на посочените парадигми от гледна точка на еволюцията на португалския език. Разработката се основава на езиковия корпус [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org).

**Ключови думи:** португалски език; диахронна лингвистика; корпусна лингвистика; бъдеще време; парадигма *farei, faço, vou fazer* и *irei fazer*.

## 1. Introdução

O futuro é um tempo específico no conjunto dos outros tempos gramaticais. Diferentemente dos tempos pretéritos ou do presente pelos quais se expressam nomeadamente ações que se produziram ou se realizam, ou seja, reais, pelo tempo futuro anuncia-se sempre um processo que deve produzir-se num período posterior ao momento da fala<sup>2</sup>. Porém, a sua realização nunca é certa. Do ponto de vista da perspectiva presente, os acontecimentos futuros são sempre considerados possíveis, eventuais ou dependentes de uma condição (Oliveira 1985: 354–355). A nosso ver, esta característica está na origem de muitos paradigmas<sup>3</sup> que expressam o futuro. Consideremos os paradigmas da futuridade no Português Contemporâneo: P-farei formou-se a partir da perífrase latina *habeo facere* com um significado original de obrigação. P-vou fazer exprimia originalmente uma ação orientada a um fim ou simplesmente uma intenção a realizar. Para exprimir ações posteriores ao momento da fala, emprega-se também P-faço. Recentemente surgiu uma nova forma: P-irei fazer que pode ter também uma leitura modal (probabilidade). A multiplicação de formas susceptíveis de exprimir a futuridade pode ser explicada pela teoria do dualismo assimétrico do signo linguístico que foi elaborada pelo linguista russo Sergej Karcevskij (Karcevskij 1974). A sua teoria baseia-se na tendência geral comum a todas as línguas vivas. Cada significado (signifié) tende a ser exprimido por cada vez mais formas (signifiants) e ao mesmo tempo, cada forma (signifiant) tende a exprimir cada vez mais significados (signifiés). Ao aplicarmos esta teoria ao sistema verbal do Português Contemporâneo, podemos constatar que o valor do futuro é exprimido por quatro paradigmas: P-farei, P-vou fazer, P-irei fazer e P-faço. Por outro lado, P-farei, que servia originalmente para exprimir ações posteriores ao momento da fala, adquiriu novos significados: expressão de processos prováveis no presente (*Serão cinco horas.*)<sup>4</sup> e imperativo (*Tu não farás isso!*).

Olhando para a história do tempo futuro na língua portuguesa, podemos constatar que a sua evolução pode ser considerada até cíclica. O futuro do latim clássico *laudabo* foi substituído pela perífrase modal *habeo facere* que seguidamente perdeu o seu significado modal. E este paradigma (*farei*) está a ser substituído, nomeadamente, pela perífrase *vou fazer* que originalmente tinha também um significado modal. No Português Contemporâneo, P-vou fazer quase perdeu o seu valor modal primitivo. Ao mesmo tempo, têm surgido outros paradigmas capazes de exprimir a futuridade: P-faço e P-irei fazer (com um significado modal) (Hricsina 2011).

O objetivo do presente artigo é analisar a expressão do tempo futuro através da história da língua portuguesa<sup>5</sup>, ou seja, desde o século XIII até ao século XX. Vamos analisar a frequência e o comportamento semântico de todas as formas usadas na expressão da futuridade no período delimitado. A pesquisa será efetuada no corpus linguístico [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org)<sup>6</sup> que permite fazer análises diacrónicas.

## 2. Expressão da futuridade na história da língua portuguesa

Acima foi mencionado que, no Português Contemporâneo, existem quatro paradigmas que exprimem ações posteriores ao momento da fala: P-farei, P-faço, P-vou fazer e P-irei fazer<sup>7</sup>. Nesta secção, vamos analisar o seu emprego na história da língua portuguesa, consultando as gramáticas de Português e artigos dedicados a este tema.

### 2.1. P-farei

Este paradigma provém da construção perifrástica de origem modal (obrigação) que se formou no Latim Vulgar – *facere habeo*. O significado modal de obrigação perdeu-se e a forma sintetizou-se (*cantare habeo* > *cantare hei* > *cantarei*). O paradigma começou a expressar, assim, ações posteriores ao momento da fala. Porém, no Português Contemporâneo, P-farei denota quase sempre um processo futuro cuja realização é encarada como possível ou dependente de uma condição – *Farei a comida (se acontecer alguma coisa...)* (Oliveira 1985: 356–357, Tláškal 1978: 206–207). Esta é a função mais frequente deste paradigma e por isso pode ser considerada função central (cf. Tláškal 1984). Usando os conceitos saussurianos, podemos dizer que esta função pertence ao centro do sistema de uma língua. Enquanto que na língua escrita e formal, este paradigma continua a ser relativamente frequente, no Português falado, a sua frequência vai diminuindo<sup>8</sup> (Oliveira 2006: 252, Raposo 2013 I: 525). Além do valor do futuro, esta forma exprime também ações prováveis ou possíveis no presente (*O telefone tocou. – Será o meu pai.*). Em certos contextos, pode expressar também uma ordem ou um desejo (imperativo) – *Tu farás o trabalho!* (Cunha-Cintra 1999: 457–458, Svobodová 2014: 87, Chergova 2012). Estas duas funções podem ser consideradas periféricas visto que não são tão frequentes e não pertencem ao centro do sistema da língua portuguesa. Porém, a primeira função (probabilitivo) vai passando da periferia do sistema linguístico ao seu centro.

Na expressão da futuridade P-farei é atualmente muitas vezes substituído por outras formas, nomeadamente por P-vou fazer e P-faço. Entre os motivos desta substituição são mencionadas expressividade e relação direta ao presente que tem a perífrase *vou fazer*, e a tendência a eliminar a forma longa do P-farei (Tláškal 1978: 207). Outro motivo pode ser representado também pela mesóclise dos pronomes oblíquos átonos que é obrigatória nesta forma no Português Contemporâneo – *fá-lo-ei*.

Há atestações que nas fases arcaicas do Português, este paradigma se empregava também para exprimir ações prováveis no presente (Said Ali 2001: 235).

### 2.2. P-faço

No Português Contemporâneo, P-faço pode exprimir também acontecimentos posteriores ao momento da fala. Tal acontece caso este paradigma venha acompanhado por uma expressão adverbial de futuridade e o predicado denote um evento ou um estado episódico – *Na próxima semana preparamos o almoço juntos. Amanhã,*

*o José está em casa.* (Raposo 2013 I: 516). No caso da ausência de uma expressão adverbial de futuro, P-faço pode denotar uma ação futura quando a noção de futuridade é deduzível do contexto discursivo – *Prometido. Compramos-te um novo carro.* (Raposo 2013 I: 525). Diferentemente do P-farei, esta forma expressa acontecimentos futuros quase certos sem modalização nenhuma (Oliveira 1985: 357, Tláškal 1978: 210). Jaromír Tláškal, lusitanista checo, acha que P-faço é uma forma semanticamente não-marcada e neutra, e este facto confere-lhe a possibilidade de exprimir outros valores temporais (passado e futuro) (Tláškal 1978: 209).

Segundo alguns especialistas da história da língua portuguesa, também nas fases mais remotas do Português P-faço empregava-se com o valor de futuro (Mattos e Silva 2008 II: 86, Silveira Bueno 1955: 171).

### **2.3. P-vou fazer**

No Português Contemporâneo falado, P-vou fazer é a forma mais frequente de expressão do futuro (Oliveira 1985: 357–358) e invade cada vez mais a língua escrita (Oliveira 2006: 252). Este paradigma serve para anunciar um plano concreto de um acontecimento que se vai realizar no período posterior ao momento da fala. Este plano pode ser alterado só se advierem acontecimentos independentes do locutor os quais impeçam a realização do plano (Oliveira 1985: 357).

P-vou fazer exprimia originalmente ações imediatamente posteriores ao momento da fala (futuro próximo)<sup>9</sup>, mas perdeu o seu sema de proximidade temporal e começou a denotar acontecimentos futuros. Dantes, esta forma empregava-se em oposição com P-farei (futuro próximo/futuro), mas depois a oposição temporal foi neutralizada (Tláškal 1978: 208–209).

Esta perífrase formou-se provavelmente no Português Antigo<sup>10</sup>. A seleção do verbo *ir* pode ser explicada pela sua polissemia. É o motivo principal por que este verbo é facilmente „gramaticalizável“. Segundo José Pinto de Lima, a gramaticalização do verbo *ir* nesta perífrase envolve processos de metáfora: o sentido locativo passa ao sentido temporal. Atualmente a sua gramaticalização ainda não está concluída visto que neste verbo ainda persiste a ideia de movimento – *Vamos ver os amigos. = Visitaremos os amigos.* (Oliveira 2006: 74–85). Por isso, o verbo *ir* deve ser considerado verbo semi-auxiliar e não auxiliar (Tláškal 1978: 205).

Este paradigma existia já no Português Antigo, mas ainda não se usava com o sentido de futuridade. Segundo a linguista brasileira Rosa Virgínia Mattos e Silva, a perífrase denotava uma intenção a realizar-se (Mattos e Silva 2008 I: 444).

### **2.4. P-irei fazer**

Nos últimos tempos tem-se registado uma frequência crescente do P-irei fazer. A forma expressa habitualmente processos posteriores ao momento da fala, mas pode também denotar ações futuras consideradas pouco certas ou prováveis. Na oração subordinada, este paradigma tem o mesmo valor do futuro como P-vou fa-

zer – *A Maria diz que vai/irá preparar o almoço.* (Raposo 2013 II: 1 263). A origem desta construção explica-se pelo reforço da futuridade do P-vou fazer (mudança do tempo do verbo semi-auxiliar) e pela tentativa dos falantes de tornar P-vou fazer mais correto (Tláškal 1978: 210, Svobodová 2014: 88–89). Os mesmos autores acrescentam que o emprego desta forma se limita quase exclusivamente à língua formal, nomeadamente ao estilo jornalístico.

### 3. Métodos de análise

Para analisar a frequência e o valor semântico dos paradigmas da futuridade na evolução da língua portuguesa, aproveitámos o corpus linguístico disponível em *www.corpusdoportugues.org* que permite fazer pesquisas diacrónicas. Quanto aos paradigmas *farei* e *faço*, procurámos todas as suas ocorrências (\_vp\*, respetivamente \_vf\*) entre os séculos XIII e XX<sup>11</sup>. No que diz respeito aos paradigmas *vou fazer* e *irei fazer*, procurámos todas as ocorrências dos sintagmas, compostas pela terceira pessoa do singular do verbo *ir* nos respetivos tempos e pelo infinitivo (*vai \_vr\**; *irá \_vr\**) entre os séculos XIII e XX. De todas as ocorrências encontradas no corpus analisámos 100 casos de cada tipo de paradigma para cada século, sempre que tal número de exemplos esteve à disposição. A seleção dos casos analisados foi aleatória.

### 4. Análise *in corpora*

#### 4.1. Século XIII

A pesquisa efetuada no subcorpus do século XIII mostrou que neste século havia só dois paradigmas capazes de exprimir ações posteriores ao momento da fala, ou seja, processos futuros. Eram P-*farei* e a perífrase *irei fazer*. No entanto, o primeiro paradigma era muito mais usado visto que, no subcorpus, a perífrase *irei fazer* apareceu apenas três vezes. Os dois paradigmas exprimiam exclusivamente processos futuros. Seguem-se dois exemplos dos paradigmas mencionados usados nesta função.

(1) *Desta razon vos direi un miragre que achei escrito, e mui ben sei que farei del cantiga saborosa.* (Cantigas de Santa Maria 2)

(2) *Este sangrador, amiga, traz ûa nova sangria: V10 onde m'eu nom percebia, filhou-me pela barriga, começou a sofaldrar: al fodido irá sangrar sangrador em tal logar!* (Cantigas de Escárnio e Maldizer)

No conjunto de 100 ocorrências analisadas do P-*faço*, encontrámos só casos em que este paradigma exprimia processos simultâneos ao momento da fala<sup>12</sup> (ex. 3).

(3) *Queredes que vos retraia quando vos eu vi em saia?* (Cantigas de Escárnio e Maldizer – 1201–1300)

A perífrase *vai fazer* foi encontrada em 12 casos. Da análise de todas as ocorrências resulta que esta construção exprime sempre uma ação orientada a um fim (com o verbo *ir* no seu próprio sentido) (ex. 4).

(4) *E cada que el vem a Santarém, sempre aló vai fazer romaria;* (Cantigas de Escárnio e Maldizer)

#### 4.2. Século XIV

Analisando os resultados da pesquisa realizada no subcorpus do século XIV, podemos constatar que, neste século, a única forma a expressar ações posteriores ao momento da fala é P-farei. Em todos os 100 casos analisados, este paradigma tinha exclusivamente o valor do futuro (ex. 5 e 6).

(5) *Sen falla, aquí ha pleito moy mao et moyto escarnido et moy uil; et, sse uós esta obra queredes mãtëer, o múdo será destroydo et cofondudo pera senpre.* (Cronica Troyana)

(6) *Depois de mia morte ficará o meu señorío a meu fillo, cõmo dereyto be.* (Cronica Troyana)

No que diz respeito ao P-faço, em todas as 100 ocorrências analisadas exprimia sempre processos simultâneos ao momento da fala, ou seja, ações presentes (ex. 7 e 8).

(7) *Arcebispo, eu, por honrra de meu Senhor Jhesu Cristo e por que ey conpaixon de vos, poren salvovos as vidas; pero con esta condiçon: que se saibha per minha corte a pena que merecen os que taaes cousas fazem.* (Crónica Geral de Espanha de 1344)

(8) *E assy se mostra Deus maravilhoso nas suas obras.* (Crónica Geral de Espanha de 1344)

As perífrases *vou fazer* e *irei fazer* não foram encontradas no subcorpus deste século.

#### 4.3. Século XV

A análise das ocorrências encontradas no subcorpus do século XV mostrou os resultados idênticos aos constatados para o século anterior. P-farei exprimia só processos futuros (ex. 9 e 10).

(9) *E assy a alma sãã dá saydade a cada hũa parte do corpo. E depois ëna outra uida lhe dara tal saude, que ya mais nõ podera padecer.* (Orto do Esposo)

(10) *Galvam, disse el-rei, o preito jáé assi que, mentre eu viva, por cousa que Lançalot possa fazer nem dizer, já mais nom haverá paz comigo.* (A Demanda do Santo Graal – cópia do século XV)

Em 100 casos analisados, P-faço tinha exclusivamente o valor de presente (ex. 11 e 12).

(11) *E esto acõtece quando o homë pode fazer algû bem nom no faz mas alomgao de sy per pecado e o desejo que deus põe no seu coração para este bem fazer.* (Tratado de confissom)

(12) *Parece-me que eu **vejo** correr o rio do seu sangue e que vos **vejo** matar e derribar reis e duques e senadores.* (Vida e feitos de Júlio Cesar)

A perífrase *vai fazer* encontra-se representada por apenas 3 ocorrências. Em nenhum caso tinha o valor de futuro. A sua função era sempre a de exprimir uma ação orientada a um fim (ex. 13).

(13) *Pollo qual te rogo que tomes quanta parte de meus tisouros quizeres e **vai tomar** e ganhar a maior honra e empresa do mundo“.* (Coronica troiana em linguagem portuguesa)

P-irei fazer não foi encontrado no subcorpus do século XV.

#### 4.4. Século XVI

Da análise do subcorpus do século XVI resulta ainda a verificação da existência de três paradigmas da expressão do futuro: P-farei, P-vou fazer e P-irei fazer. Porém, a frequência dos dois últimos nesta função é muito baixa.

Analisando 100 ocorrências do P-farei, constatamos que, em 85 casos, a estrutura exprimia processos posteriores ao momento da fala (ex. 14 e 15). Nos restantes 15 casos este paradigma denotava ações prováveis que ocorreram no momento da fala (ex. 16 e 17). É a primeira vez que aparece P-farei com este valor na evolução da língua portuguesa. Este emprego é típico nomeadamente dos verbos *ser* (7 casos) e *haver* (6 casos).

(14) *Que do que antre o mouro e portuguez ouuer alguma differença assi no siuel como crime, o tanadar o mandara ao capitão pera que faça justica delle, e se o portuguez for cullpado o capitão o castigará, e **fará** pagar o que deuer ao mouro, e se o mouro for culpado o capitão o mandará ao tanadar pera que o castigue e lhe pagar ao cristão o que deuer.* (O Tombo de Diu)

(15) *E asym se tornou o Antonio Mendes, e o idalxâ ficou muito grandioso com o caualo mas não lhe durou muito o gosto porque dahy a poucos dias lho **matarão** com hũa bombardas, que sintio tanto que se igoalou a dor ao gosto, que teue de lho darem.* (Diogo de Couto, Década oitava)

(16) *... e diz que o lugar donde Mosés passou da parte do Egipto à outra de Arábia, é um chamado Corondolo, que **será** de Suez quinze léguas, e vinte cinco do Tor.* (João de Barros, Décadas da Asia – Década Segunda, Livros I-X)

(17) ***Haverá** obra de 20 annos pouco mais ou menos que, estando de cerco Daijodono naquella rica fortaleza que atraz fica referida pelo Irmão Luíz de Almeida, poucos annos depois de elle ser tomado para o Ximo...* (Frois, Historia do Japam 2)

Os resultados da pesquisa de P-faço são idênticos aos obtidos para o século anterior, ou seja, este paradigma denotava só processos simultâneos ao momento da fala (ex. 18 e 19).

(18) *E pareceo-lhe que seria desasocego de moças, que as vezes por mocidade fazem cousas que nam fariam em outra idade, ainda que nisso lhe fosse todo seu desejo.* (Bernardim Ribeiro, Menina e moça)

(19) *Vem quatro Cavaleiros cantando, os quais trazem cada um a cruz de Cristo, pelo qual senhor e acrecentamento de sua santa fê católica morreram em poder dos mouros...* (Gil Vicente, Obra Completa)

No que diz respeito à perífrase *vai fazer*, registámos 96 ocorrências. Analisando estes casos, constatámos que é muito difícil interpretá-los com exatidão. Por isso, não fizemos estatística exata. De qualquer modo, a análise de todas as ocorrências revelou que esta perífrase denota um leque de vários significados: em algumas ocorrências, a construção exprimia um processo orientado a um fim (ex. 20). Neste tipo de casos, a construção encontra-se, por vezes, no modo imperativo (ex. 21).

(20) *...porque como cada hum trabalha de enganar por todas as vias que pode ao outro, nenhum se fia das balanças e pesos do outro, e todo ho que vai comprar aa praça leva balança e prata quebrada...* (Enformação das cousas da China)

(21) *Se de tua porfia não desistes, vai repastar teu gado a outra parte;* (Luís de Camões, Obras)

Em outro tipo de exemplos, a perífrase funciona como uma paráfrase do presente do indicativo (*faz*) (ex. 22 e 23).

(22) *E caminhando deste fim do Nilo pela parte do Ocidente, que descrevemos, fazendo ûa maneira de arco não mui curvo, que vai fenecer contra o Sul, chega ao reino Adeá, que é a mais austral terra que ele tem; nas serras do qual nasce o rio Obi, a que Ptolomeu chama Raptus, que vai sair ao Oceano, na povoação Quilmance, junto de Melinde.* (João de Barros, Décadas da Asia – Década Terceira, Livros I-X)

(23) *Fogem as vacas para a agoa porque a mosca as vai seguir eu soo, triste em minha magoa, nam tenho onde fugir.* (Bernardim Ribeiro, Menina e moça)

Acrescente-se que registámos também um número reduzido de casos em que a perífrase analisada exprimia uma ação posterior ao momento da fala, ou seja, o futuro ou futuro próximo (ex. 24 e 25). No entanto, dada a escassez de exemplos, achamos que, no século XVI, este emprego estava longe de se encontrar gramaticalizado.

(24) *Mas ele de tençoeiro sem ganhar nisso ceartil vai dar chuvas em Janeiro e geadas em Abril e calmas em Fevereiro e névoas no mês de Maio e meado Julho pedra eu trabalho atás que caio pardeos ele que é meu aio cada vez mais me desmedra.* (Gil Vicente, Obra completa)

(25) *A dos Fonccenxum: estes adoram o Sol, e dizem, que depois que um morre, vai viver lá outra vida em outro Mundo.* (Diogo do Couto, Quinta década (livros 8–10), vol. 1, Décadas)

Encontrámos só dois casos da perífrase *irei fazer* e em ambos os casos, o paradigma denotava processos posteriores ao momento da fala (ex. 26).

(26) *Lucifer Aperta-o bem que nunca Satam o pôde enganar porque ele irá pousar no lugar onde pera sempre nam verá ninguém senam outros tais.* (Gil Vicente, *Obra completa* – A–M)

#### 4.5. Século XVII

Tendo feito a pesquisa no subcorpus XVII, ficámos a saber que neste século havia principalmente dois paradigmas da expressão da futuridade: P-farei e P-vou fazer. Enquanto que o valor do futuro era a função principal do primeiro paradigma mencionado, a perífrase *vou fazer* exprimia ações futuras apenas em alguns casos, tratando-se, assim, neste paradigma, de uma função periférica. Vejamos os resultados da nossa pesquisa.

Como já foi mencionado, a função principal e mais frequente do P-farei era sempre a de expressar ações posteriores ao momento da fala. No conjunto de 100 ocorrências analisadas do respetivo subcorpus, registámos 89 casos em que este paradigma tinha este valor (ex. 27 e 28).

(27) *V. M. me ha de prometer, segundo a vontade que tem de me fâzer mercê; e me há de faltar, segundo a confiança que pode fazer, de que nao espero que me falte. Desta maneira terá cada um o que lhe toca.* (Francisco Manuel de Mello, *Cartas familiares*)

(28) *A mi me parece (respondeu Leonardo) que vós tinheis mui boa razão se a não guardáreis para tão tarde; porém, em a noite de àmenhã se lhe fará justiça, que nesta é razão que se dê ao hóspede lugar conveniente para o repouso, pois há-de ir à Cidade e voltar no mesmo dia.* (Francisco Rodrigues Lobo, *Côrte na Aldeia e Noites de Inverno*)

Assim como no século anterior, encontrámos também algumas ocorrências (11) deste paradigma com o valor do probabilitivo do presente, ou seja, expressão de processos eventuais ou prováveis realizados simultaneamente ao momento da fala (ex. 29 e 30). Este papel era denotado pelos verbos *haver* (6 casos), *saber* (3) e *estar* (2).

(29) *Se houve um profeta que foi mais que profeta, porque não haverá também algumas profecias que sejam mais que profecias?* (Padre António Vieira, *Historia do Futuro*)

(30) *Conheço que a duvida estará no que eu escrevesse, nao no que V. M. haja lido.* (Francisco Manuel de Melo, *Cartas familiares*)

O P-faço exprimia quase exclusivamente processos simultâneos ao momento da fala (ex. 31 e 32).

(31) *O Mouro que hia comigo, que se chamaua Çapetuu me disse então, pareceme que será bom com conselho yrmos dar conta disto a meu pay que está na*

*praya fazendo a amarra, para que mande logo rodear esta ilha...* (Fernão Mendes Pinto, Peregrinação)

(32) *Mas porque posso menos deixar de vos fazer a vontade nisto em que tanto vai, quero sacrificar a minha ao vosso gosto, porque **faço** officio de verdadeiro amigo.* (Fernão d'Alvares do Oriente, Lusitania Transformada)

Pela primeira vez na evolução do Português, registámos uma ocorrência em que este paradigma denotava um processo posterior ao momento da fala (ex. 33).

(33) *Pois, em se descuidando, tal vez com a idade lhe **chega** sua hora de velhice, contra quem nao valem todos os estofos e badulaques que inventou a vaidade e a incontinência;* (Francisco Manuel de Melo, Apólogos dialogais)

A perífrase *vai fazer* apareceu no subcorpus do Português do século XVII em 54 ocorrências. Esta construção exprimia alguns significados. Os casos mais frequentes encontravam-se representados pelos exemplos em que exprimia quer o tempo presente (ex. 34), quer uma ação orientada a um fim (ex. 35).

(34) *Lava-lhe os muros o rio Adige, chamado Athesis dos Latinos, que corre contra Itália, crecido já de águas, e navegável, e **vai entrar** no Mar Adriático.* (Luis de Sousa, A vida de Frei Bertolameu dos Mártires)

(35) *Quem abrolhos semea, espinhos colhe. Quem çea, & se vai deitar, má noite há de passar.* (Antonio Delicado, Adagios)

No entanto, registámos também alguns casos em que esta perífrase exprimia uma ação posterior ao momento da fala ou tinha um sentido dispositivo. Vejam-se os exemplos 36 e 37.

(36) *Holanda dizem que aparelha nova e mais poderosa armada, e que França se tem declarado por sua parte; que os príncipes de Alemanha se armam, sem se saber o fim; que em Polónia começam grandes revoluções, e que se temem em Europa mais universais guerras que nunca; que Carracena, feito grande, **vai governar** Nápoles; e que a conquista de Potugal se torna a entregar a D. João de Áustria.* (Padre António Vieira, Cartas)

(37) *Também dizem que há-de chegar a essa corte, onde foi bem aceito, e que **vai estabelecer** certos intentos em ordem ao futuro conclave.* (Padre António Vieira, Cartas)

No que diz respeito à perífrase *irei fazer*, encontramos 9 ocorrências. Da análise dos exemplos encontrados resulta o facto de, provavelmente em todos os casos, este paradigma exprimir processos prováveis, temporalmente posteriores ao momento da fala (ex. 38 e 39).

(38) *De França hei recebido uma carta de el-Rei Cristianíssimo, em recomendação de minha causa. Provavelmente **irá ter** a mãos de Vossa Mercê e provavelmente não perderá sua força na tradução.* (F. Manuel de Melo, Letters)

(39) *Não se deu até agora resposta ao nuncio, e se entende que vai a Roma neste correio, e ordem ao embaixador que com ela se despida. É verosímil que lhe irá suceder, em carácter de residente ou enviado, o bispo do Rio de Janeiro, bem visto de S. A., do duque de Fronteira e do confessor; e cuida que tem ordem para renunciar.* (Padre António Vieira, Cartas)

#### 4.6. Século XVIII

A análise do subcorpus do século XVIII mostrou resultados quase idênticos aos observados para o século anterior, ou seja, o valor de futuro era denotado nomeadamente por dois paradigmas: P-farei e P-vou fazer. Acrescente-se que a função da expressão de ações futuras representava o papel central de P-farei. Ao contrário, a perífrase *vou fazer* expressava processos futuros apenas em alguns casos, estando este valor longe de se tornar a função central deste paradigma.

Em 100 ocorrências analisadas, o P-farei exprimia ações posteriores ao momento da fala em 91 casos (ex. 40 e 41).

(40) *Toda a sua consolação é a esperança que tem de que a posteridade lhe fará justiça, e que se presentemente se acha, como os mais heróis e sábios, desatendido do século, será com eles famoso nos séculos futuros, e tao nomeado como os Alexandres, Aristóteles e Césares.* (Francisco Xavier de Oliveira, Cartas familiares)

(41) *Verá Vossa Mercê muita obra nova em Lisboa, e algumas que lhe não desagradarão; e provavelmente achará esta casa com o contentamento de ouvir chorar uma criança, que os primeiros três dias se fará estimável pela novidade.* (Alexandre de Gusmão, Cartas)

Em 9 casos este paradigma denotava processos prováveis simultâneos ao momento da fala, ou seja, desempenhava o papel do probabilitivo do presente (ex. 42 e 43).

(42) *Eu creio que Vossa Mercê **estará** muito picado por eu sair do Pôrto segunda vez sem me despedir de Vossa Mercê com tôdas as cerimónias, mas bem pode ter a consolação que agora inda o fiz com mais razão, porque o meu caso assim o pedia.* (Antonio da Costa, Cartas do Abade António da Costa)

(43) ***Haverá** duzentos anos, pouco mais ou menos, que havia em Florença um cidadão de bom nascimento, rico, e suficientemente discreto.* (Francisco Xavier de Oliveira, Cartas familiares)

Como já foi referido, registámos também algumas ocorrências da perífrase *vai fazer* nas quais podemos constatar que exprime ações posteriores ao momento da fala (ex. 44).

(44) *Se morrem ou vivem é só por sua conta, nem dão que fazer à liberalidade, nem à compaixão. **Êsse Parlamento vai estabelecer** um fixo equilibrio na Europa para conservar uma paz segura, mas, se as coisas da Alemanha, pela separação de Baviera, correrem como até agora, temo que percam o trabalho dêste santo e glorioso projecto.* (J. Cunha Brochado, Cartas)

Em alguns casos, não é evidente se esta perífrase exprime uma ação futura ou um processo orientado a um fim (união livre do verbo *ir* e infinitivo). Veja-se o exemplo 45.

(45) *...porque o pobre, que só tem o seu braço, enquanto pode ganhar para a sua sustentação à sombra e sentado, ou vendendo contrabandos ou fazendo trapças e promovendo a chicana do fôro, ou trepado na traseira de uma sege, não vai trabalhar de pé ou curvado ao sol e à chuva, exposto a todas as inclemências do tempo.* (J. J. da Cunha Azeredo Coutinho, Obras econômicas)

No que diz respeito a P-irei fazer, encontrámos apenas uma ocorrência. Neste caso, não funciona como uma perífrase verbal, mas como união livre do verbo de movimento *ir* e infinitivo, expressando, assim, uma ação orientada a um fim (ex. 46).

(46) *Acabadas estas Oraçoens, lavarás as mãos, e o rosto, pentearás o cabelo, e irá tomar a benção a seus Pais, ou Mestre, aos quaes com grande submissãõ darás os bons dias.* (Leonor Thomasia de Souza e Silva, Escolla Nova Christã e Política...)

#### 4.7. Século XIX

Os resultados da análise dos paradigmas estudados no subcorpus do século XIX apontam para uma tendência em progressão observada nos séculos anteriores. Registámos um número crescente de casos da expressão do probabilitivo do presente de P-farei, ao mesmo tempo um número crescente da expressão do futuro do P-faço e também uma centralização do valor do futuro próximo expresso pela perífrase *vou fazer*. Podemos constatar que, no Português do século XIX, já existem quatro paradigmas capazes de exprimir o valor do futuro ou futuro próximo: P-farei (função central), P-vou fazer (função central), P-faço (função periférica) e P-irei fazer cuja frequência é, porém, mínima. Vejamos agora os resultados da pesquisa mais pormenorizadamente.

Em 100 ocorrências analisadas, P-farei exprimia ações futuras em 78 casos, sendo sempre esta a função dominante (ex. 47).

(47) *Duas horas só, em que lhe seja permitido adornar aquela segura e aquela simplicidade com todos os recursos do léxico e todas as exuberâncias da eloquência – e de uma obra incomparavelmente bela, sairá, ao fim dessas duas horas, uma pastelada balofa e terrivelmente indigesta!* (Eça de Queirós, Correspondência de Fradique Mendes)

Em comparação com os resultados obtidos para o século anterior, registámos um número crescente de exemplos em que este paradigma expressava processos prováveis simultâneos ao momento da fala. Os verbos com este valor são: *ser* (5 casos), *dizer* (5), *haver* (4) e *estar* (3). Vejam-se alguns exemplos deste emprego.

(48) *Que idade terá ele? Sessenta? – Sessenta e cinco.* (Eça de Queirós, A Ilustre Casa de Ramires)

(49) *Talvez mesmo um dos mais ricos proprietários de Portugal.. o mais rico, direi..* (Eça de Queirós, A Relíquia)

(50) *Eu não me atrevo.. tenho repugnância.. mas é forçoso perguntar-te por alguém mais. Onde está ele.. e o que fará..* (Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa)

No que diz respeito ao P-faço, constatámos que a sua função mais frequente era sempre a expressão de processos presentes (90 casos de 100 analisados) (ex. 51 e 52), mas diferentemente dos séculos anteriores, no subcorpus do século XIX, registámos 10 ocorrências em que este paradigma denotava processos posteriores ou imediatamente posteriores ao momento da fala (ex. 53 e 54).

(51) *Pois a casa não tem buracos – dizia a mãe Vilaça. – Sumiço assim! – resmungava o beneficiado.* (Eça de Queirós, Singularidades de uma rapariga loura)

(52) *Eu vejo perfeitamente. Vejo que as paixões, a vingança o vão levando por um caminho fatal..* (Eça de Queirós, O Crime do Padre Amaro)

(53) *Vamos nós amanhã à Torre? no faeton?» – Além disso precisava falar contigo, Gonçalo.. Tenho andado aborrecido.* (Eça de Queirós, A Ilustre Casa de Ramires)

(54) *E tu esta semana – acrescentou – nem apareceste! Pois olha que te cortaram na pele – Não pude, filha. O Jorge chega amanhã, sabias? – Ah, sua brejeira! Viva! Está esse coraçãozinho aos pulos!* (Eça de Queirós, O Primo Basílio)

A perífrase *vai fazer* encontra-se representada por 1 372 ocorrências. Do conjunto de 100 casos analisados constata-se que a expressão do futuro próximo é de longe a mais frequente (ex. 55 e 56).

(55) *Em todo o caso, creio que cumpri. Ouço que vai ser nomeado cónego. Larguissimamente o merece.* (Eça de Queirós, Correspondência de Fradique Mendes)

(56) *Falava-lhe como a uma criancinha pequena, dizia-lhe: «Isso vai passar, amanhã estás boa, vamos passear»* (Eça de Queirós, O Primo Basílio)

Em alguns casos, esta perífrase exprimia o imperativo (ex. 57) ou uma exclamação orientada para o futuro (ex. 58 e 59).

(57) *Telmo, vai fazer o que te mandei.* (Almeida Garrett, Frei Luís de Sousa)

(58) *E vós, senhores, recuai para a lomba do cerro, como para palanque, que vai ser grande a vista!* (Eça de Queirós, A Ilustre Casa de Ramires)

(59) *Coitada! Não tem má cruz, ir aturar a velha! E depois naturalmente vai dar o seu passeio! Faz ela muito bem!* (Eça de Queirós, O Primo Basílio)

A construção *vai fazer* pode exprimir excecionalmente também uma ação orientada a um fim (significado frequente nos séculos anteriores). Veja-se o exemplo 60.

(60) *Além disso Sarah deixa Paris amanhã. Vai descansar dois dias para o campo em casa dos filhos e parte no Domingo para Londres onde vai representar*

*todas as noites até o fim da season, para voltar em setembro a representar todas as noites em Paris, como representa agora.* (Ramalho Ortigão, Cartas a Emília)

No subcorpus do século XIX apareceram apenas 10 ocorrências da perífrase *irei fazer*<sup>13</sup>. Em 6 casos, este paradigma exprimia uma ação futura (ex. 61).

(61) *Estamos numa época de corrupção e de imoralidades, e ninguém sabe onde isto irá parar.* (Júlio Dinis, A Morgadinha dos Canaviais)

Em 3 casos, esta perífrase denotava uma ação provável temporalmente posterior ao momento da fala (ex. 62 e 63).

(62) *Olha o velho pinheiro, campeando Entre as neves alpinas: Quem irá derribar o rei dos bosques Do trono das colinas? Ninguém!* (Alexandre Herculano, A Harpa do Crente)

(63) *Agora é que eu o digo. – É para que veja – disse Joana, custando-lhe a manter a serenidade. – Ó Joana, você irá casar-se? – Olhem, olhem.. ela aí vem com as suas tolices! Tenha juízo.* (Júlio Dinis, As Pupilas do Senhor Reitor)

Em um dos casos, esta construção representou uma união livre do verbo *ir* e infinitivo, denotando, assim, uma ação orientada a um fim (ex. 64).

(64) *Veja o que o seu parente lhe quer, e peça-lhe licença depois para se retirar imediatamente. Irá fazer as suas orações àquele oratório.* (Rebello da Silva, A mocidade de D. João V)

#### 4.8. Século XX

Visto que para o século XX o corpus está dividido em duas opções: língua escrita (ficção) e falada, decidimos fazer duas pesquisas para verificarmos se o emprego dos paradigmas estudados difere em cada tipo de língua.

##### 4.8.1. Língua escrita

A análise do subcorpus do século XX mostrou que, neste século, os quatro paradigmas estudados são capazes de exprimir ações posteriores ao momento da fala. Para os paradigmas *farei*, *vou fazer* e *irei fazer* este papel é dominante (central) enquanto que para o P-faço a expressão da futuridade é menos frequente que a expressão do tempo presente e, por isso, o valor do futuro pode ser considerado como periférico.

Em 100 ocorrências analisadas, P-farei exprimia ações posteriores ao momento da fala em 65 casos (ex. 65).

(65) *Casarei contigo, serei teu marido. Dizia o médico, e para brindar ao projecto, corria à cozinha onde guardava as grades de whisky e preparava-se para ensopar o corpo de álcool, todos os dias.* (Lídia Jorge, O vale da paixão)

No que diz respeito ao papel do probabilitivo do presente, registámos um número crescente de casos (35) em comparação com os resultados obtidos para o século

anterior (22). Os verbos que se prestam a esta interpretação, são nomeadamente *ser* (7 casos), *estar* (5), *saber* (5), *ter* (5) e *ser* (5) (ex. 66, 67 e 68).

(66) *E não **será** esta a razão profunda do uso de fardas, librés, uniformes?* (José Régio, Os Avisos do Destino)

(67) *Vândalo desinteressou-se do taoísta que compunha poses, imaginando in-esgotada a comunicação. – **Haverá** diferença entre o bem e o mal? – recomeçou ele. – Diferença entre o sim e o não? Deverei temer o mesmo que os outros?* (Luísa Costa Gomes, O Fosso e o Pêndulo)

(68) *Aquelas tranças de ouro, como amarras de navio, prendem-no ali manhãs inteiras de esperanças e delícias sem nome. **Saberá** ela quanto lhe ele quer?* (José Rodrigues Miguéis, A Escola do Paraíso)

Também para o P-faço obtivemos resultados diferentes aos observados para o século anterior. Este paradigma denotava ações presentes em 83 casos (ex. 69), enquanto em 17 casos registámos o valor de futuro ou futuro próximo (ex. 70 e 71).

(69) *E eu preciso de casar, doutor. Isto não é vida, o velho já tem dado os seus remoques. É duma coisa assim que eu gosto: mansa, um cordeiro. Vou casar. **Estou** farto dessas cabras de mão dada.* (Carlos de Oliveira, Uma Abelha na Chuva)

(70) *Onde moras tu, Carolino? – Na Rua da Mouraria. – **Vou** contigo. Damos uma volta aqui por baixo. Gostava de percorrer as ruas silenciosas, emaranhadas como uma alucinação.* (Vergílio Ferreira, Aparição)

(71) *Não quero disso. Intimou, já quase fora de si: – Coma, que lhe **faz** bem. – Não me apetece. Passou à frente.* (Miguel Torga, A Criação do Mundo: O Terceiro Dia)

Diferentemente dos resultados observados para o século anterior, P-vou fazer exprimia exclusivamente ações posteriores ao momento da fala (ex. 72 e 73). Nenhuma outra função foi encontrada.

(72) *Nariga-lhe uma cavatina! Abusaste, já que abusaste, agora **vai fazer** queixinhas à tua ditosa e inteligente mamã, que tanto gosto faz em ti!* (Tomas Figueiredo, Noite das Oliveiras)

(73) *Embora em todas as cartas que escrevia, continuasse a dizer que, estivesse onde estivesse, iria voltar. Até que ele mesmo percebe que não **vai voltar**.* (Lídia Jorge, O vale da paixão)

No subcorpus do Português escrito do século XX, a perífrase *irei fazer* apareceu em 32 casos<sup>14</sup>. Em 18 ocorrências, este paradigma expressava ações posteriores ao momento da fala (ex. 74).

(74) *Fica à espera de que o senhor Quirino lhe indique a casa onde **irá dormir**.* (Fernando Namora, Minas de San Francisco)

Em 11 casos, a perífrase em questão denotava processos prováveis temporalmente posteriores ao momento da fala (ex. 75 e 76).

(75) *O robusto e valente barqueiro tem agora um medo imenso!.. Que irá suceder? Constantino desafiou a morte, descendo essa noite o rio.* (António Guedes de Amorim, A Máscara e o Destino)

(76) *O que ao senhor Lord nem lhe passa pela ideia é que pouco irá caçar, que talvez nem cace...* (Tomas Figueiredo, Noite das Oliveiras)

Três casos estavam representados pela expressão fixa *ir ter a alguma coisa* (levar a alg. c.) (ex. 77).

(77) *Tudo quanto possui, propriedades rústicas, urbanas e depósitos no Banco, se fechar de um momento para o outro os olhos, irá ter às mãos duns primos muito afastados.* (António Guedes de Amorim, A Máscara e o Destino)

#### 4.8.2. Língua falada

A pesquisa efetuada no subcorpus do Português falado do século XX não trouxe resultados muito diferentes dos observados para o Português escrito. Registámos apenas uma diferença que merece ser mencionada. A função do probabilitivo do futuro expressa pelo P-irei fazer parece ser menos frequente no Português falado que na escrita.

No que diz respeito ao P-farei, em 100 ocorrências analisadas registámos 70 casos em que denotava ações posteriores ao momento da fala (ex. 78).

(78) *Historicamente não, não representam coisíssima nenhuma, nem movimentos de massas, nem nada, quer dizer; são indivíduos que, daqui a uns anos estarão esquecidos.* (Corpus-Ref-Port-Contemp: 1292)

Em 30 casos, este paradigma expressava processos prováveis temporalmente simultâneos ao momento da fala. Entre os verbos mais frequentes destacam-se *haver* (10 casos), *poder* (5), *ser* (4) e *saber* (3) (ex. 79, 80 e 81).

(79) *A acentuação deste devir nas últimas décadas fez da Teoria da Literatura uma disciplina anglófona e norte-americana. Como explica tal devir? Será o Go West a máxima reguladora da disciplina?* (Miguel Tamen – entrevista)

(80) *JL – Mas há sempre livros que resistem ao tempo? L.J. – E quem sabe quais são? JL – E a Literatura hoje hão poderá ser «útil» em termos de reflexão e intervenção social e política?* (Lídia Jorge – entrevista)

(81) *Que dizer, então, do pão? Haverá coisa mais extraordinária que o pão?* (José Saramago – entrevista)

A função mais frequente de P-faço era sempre a expressão de ações simultâneas ao momento da fala. Em 100 ocorrências analisadas, encontramos 87 casos deste paradigma com este valor (ex. 82)

(82) *Badaui: É, mas vamos explicando pra todo mundo até todos saberem a história... Portoga: Mas é pouca gente que faz isto e tem uns moleques que... Sim... tem o lance da inveja...* (Badaui (CPM22 band)

Em 13 casos, este paradigma denotava ações posteriores ou imediatamente posteriores ao momento da fala, expressando, assim, seja o futuro, seja o futuro próximo (ex. 83 e 84).

(83) *X: Bem, poderá ser. É, é quase catastrófico, porque as pessoas, repare, uma pessoa está doente, eu, se ficar doente em casa, nem ninguém dá conta que eu estou doente, nem tenho sitio para onde ir para me tratar, não tenho dinheiro, porque o meu ordenado não, não dá para, ora...* (Corpus-Ref-Port-Contemp: 1367)

(84) *A política da Comissão passa, em primeiro lugar, pela adaptação de regulamentos e, depois, por não haver uma mudança súbita de uma situação de financiamento para uma situação de não financiamento.* (João de Deus Pinheiro, 97-06-09-13)

Quanto à perífrase *vou fazer*, constatámos que se comporta da mesma maneira que no Português escrito. Em 100 exemplos analisados, esta construção exprimia exclusivamente ações posteriores ao momento da fala, ou seja, futuras. Vejam-se os exemplos 85 e 86.

(85) *O que é que o PSD vai fazer, em termos distritais, com vista às próximas autárquicas?* (Alvaro Amaro, 96-09-12)

(86) *Sei que em Novembro próximo vai sair o vosso primeiro “single”.* (A música “rap”, 97-08-24-4)

No subcorpus do Português falado do século XX, registámos 55 casos de *P-irei fazer*<sup>15</sup>. Em 39 casos, esta perífrase denotava processos posteriores ao momento da fala (ex. 87 e 88).

(87) *De certeza que o IP5, no eixo Guarda Vilar Formoso, irá ter as quatro faixas.* (Armando Reis – entrevista)

(88) *Finalmente, a abertura do túnel do Campo da Vinha irá permitir o acesso a partir da Avenida de António Macedo à Avenida da Liberdade.* (Vítor de Sousa – entrevista)

Em 15 casos, *P-irei fazer* denotava processos prováveis no futuro (ex. 89 e 90).

(89) *Será que o Banco de Portugal, ou seja, o tesouro português irá financiar o défice da balança comercial de Cabo Verde?* (Pedro Pires – entrevista)

(90) *Que reportório irá representar no seu espectáculo em Lisboa? Com que músicos?* (Manolo Sanlúcar – entrevista)

Além dos valores modo-temporais tradicionais, encontrámos também um emprego específico: em um dos casos, este paradigma expressava uma ação ocorrida posteriormente ao ponto de referência<sup>16</sup> situado no futuro (ex. 91). Analisando morfológicamente este paradigma, poderíamos constatar que esta deve ser a sua função mais apropriada (mais sistemática). Porém, a língua ou os seus falantes não precisam, na comunicação do dia-a-dia, tal diferenciação temporal pormenorizada. Por isso, esta perífrase serve para denotar funções diferentes.

(91) *Os trabalhos ainda não estão completados, as negociações só vão começar seis meses depois da Conferência e só depois disso é que a Comissão irá fazer um juízo formal.* (João de Deus Pinheiro – entrevista)

## 5. Expressão da futuridade na história da língua portuguesa

Nesta parte vamos resumir a evolução dos paradigmas analisados no Português Europeu.

No Português antigo<sup>17</sup>, P-farei servia para exprimir apenas ações posteriores ao momento da fala. Desde o início do Português clássico<sup>18</sup>, começou a denotar também processos prováveis no presente. Porém, esta função era expressa por aproximadamente 10% dos casos analisados. Este estado durou até ao início do século XIX, em que o número dos paradigmas com este papel começou a crescer. No século XX, a função do probabilitivo representa mais de 30% de todas as ocorrências analisadas. No entanto, o papel do futuro continua a ser predominante. O gráfico seguinte mostra a evolução da frequência (expressa em %) dos valores modo-temporais observados neste paradigma na história do Português Europeu (o valor do futuro é representado a azul e o probabilitivo a vermelho).

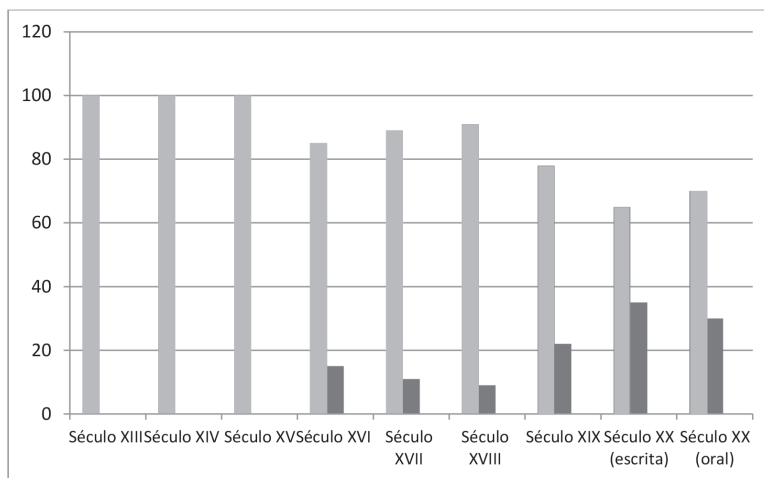


Gráfico 1. Valores modo-temporais do P-farei na história da língua portuguesa

Desde o século XIII até ao século XVIII, P-farei tinha uma única função: a expressão de ações simultâneas ao momento da fala. A partir do século XIX, começou a denotar também acontecimentos posteriores ao momento da fala. Apesar de a frequência dos paradigmas com o valor de futuro crescer no século XX, não atingiu nem 20% de todos os casos analisados. Podemos, assim, constatar que a função central deste paradigma permanece como sendo a expressão de acontecimentos presentes. O gráfico seguinte mostra a evolução da frequência dos valores mo-

do-temporais observados neste paradigma na história do Português Europeu (o valor do presente é representado a azul e o do futuro a vermelho).

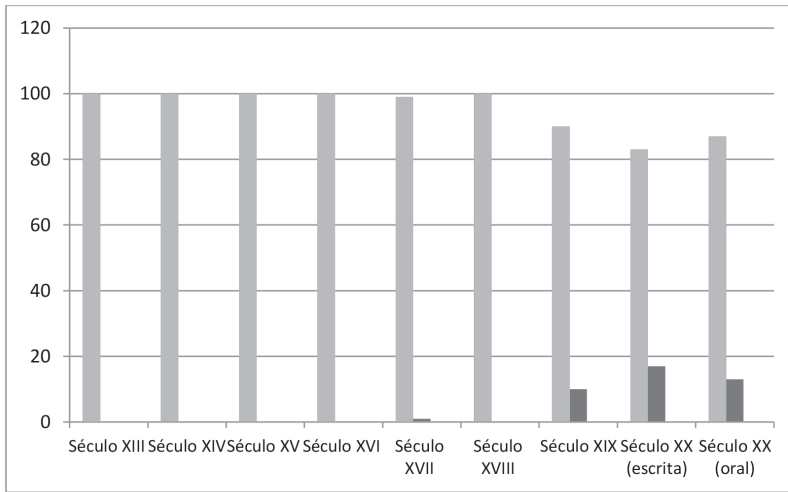


Gráfico 2. Valores modo-temporais do P-faço na história da língua portuguesa

Do século XIII até ao século XVIII, a perífrase *vou fazer* funcionava como uma paráfrase do presente do indicativo ou denotava processos orientados a um fim. No século XIX, começou a exprimir o futuro próximo e, no século XX, as ações futuras. A sua frequência subiu de uma maneira considerável nos séculos XIX e XX.

A perífrase *irei fazer* começou a aparecer regularmente apenas no século XIX, subindo a sua frequência no século XX. Podemos constatar que a sua função central é a expressão de ações futuras. A frequência de casos em que este paradigma denota um acontecimento provável ocorrido no futuro não ultrapassa 35%.

Finalmente vamos comparar a frequência dos paradigmas estudados no corpus [www.corpusdoportugues.org](http://www.corpusdoportugues.org) em cada século<sup>19</sup>. Na tabela, apresentamos os valores i.p.m. (item por milhão) de cada perífrase em cada século.

	séc. XIII	séc. XIV	séc. XV	séc. XVI	séc. XVII	séc.XVIII	séc. XIX	séc. XX
<i>farei</i>	3 052,81	1 854,55	2 721,63	3 837,14	3 325,94	2 680,17	2 548,65	2 558,26
<i>faço</i>	36 437,69	35 526,04	41 105,62	39 570,75	39 501,72	52 854,76	47 427,35	45 195,17
<i>vou fazer</i>	25,41	0,78	1,76	23,77	16,81	19,18	206,95	535,48
<i>irei fazer</i>	5,44	0	0	0,69	3,06	0,46	7,39	46,44

Tabela 1. A frequência relativa dos paradigmas *farei*, *faço*, *vou fazer* e *irei fazer* na evolução da língua portuguesa (valores i. p. m.)

## 6. Conclusões

Sumarizando os resultados da nossa pesquisa no corpus linguístico *www.corpusdoportugues.org*, podemos concluir que, na história do Português Europeu, o tempo futuro se podia expressar por quatro paradigmas: P-farei tem uma frequência muito alta e exprime, nomeadamente, ações posteriores ao momento da fala em toda a história da língua portuguesa: a perífrase *vou fazer* começa a ser empregue sistematicamente para expressar acontecimentos posteriores ao momento da fala desde o século XIX, altura em que exprimia, nomeadamente, o futuro próximo, e no século XX, quando passou a denotar ações puramente futuras. P-faço começou a exprimir ações posteriores ao momento da fala apenas no século XIX, subindo a frequência deste valor no século XX. Porém, neste paradigma, a expressão da futuridade representa uma função periférica. A perífrase *irei fazer* começou a ser usada regularmente só no século XIX e o seu valor principal é a expressão de acontecimentos posteriores ao momento da fala

## Notas

<sup>1</sup> Este artigo teve o apoio do projeto da Universidade Carolina *Progres 4, A Língua nas mudanças de tempo, espaço e cultura*.

<sup>2</sup> O momento da fala representa o segmento temporal em que o discurso está proferido.

<sup>3</sup> Pelo termo paradigma entendemos o conjunto de todas as formas gramaticais de um verbo que têm o mesmo valor modo-temporal.

<sup>4</sup> Caso não seja indicada a fonte, os exemplos são do autor.

<sup>5</sup> A nossa pesquisa limita-se ao Português Europeu, deixando de parte a evolução destes paradigmas no Português do Brasil.

<sup>6</sup> O corpus elaborado por Mark Davies (BYU) e Michael J. Ferreira (Georgetown University) contém mais de 45 milhões de palavras nos textos provenientes dos séculos XIII-XX escritos em ambas as variantes principais do Português, respetivamente no Português Europeu e no do Brasil.

<sup>7</sup> Na nossa pesquisa não está incluído P-hei de fazer visto que esta construção exprime ações futuras com uma modalização forte (valor de obrigação, promessa ou compromisso). Por isso, nunca funcionou como forma do futuro. Segundo os linguistas diacrónicos, a forma correspondia à perífrase *tenho de fazer* (Mattos e Silva 2008 I: 444, Huber 2006: 231). O seu significado modal de obrigação é provado também pelo facto de no período do Português Antigo, nas cópias de manuscritos muitos copistas corrigirem esta forma pelo verbo *dever* (Hricsina 2011: 175).

<sup>8</sup> A romanista checa Iva Svobodová opina que o emprego do P-farei no Português falado no sentido do futuro é marcado e pode ser considerado hipercorreto (Svobodová 2014: 88).

<sup>9</sup> Ainda em meados dos anos oitenta, os autores da Nova Gramática do Português Contemporâneo Luís Filipe Lindley Cintra e Celso Cunha afirmaram que o futuro perifrástico (P-vou fazer) indica uma ação futura imediata (Cunha-Cintra 1999: 459).

<sup>10</sup> As primeiras atestações desta perífrase remontam ao século XIII (Oliveira 2006: 74).

<sup>11</sup> A análise *in corpora* foi feita entre agosto e novembro de 2017.

<sup>12</sup> P-faço nem sempre denota ações puramente simultâneas ao momento da fala. Pode exprimir também acontecimentos ou estados durativos que se estendem além da fronteira temporal do momento da fala. Porém, esta diferenciação não é objetivo deste artigo. Por isso, não vamos distinguir estes subtípos do presente.

<sup>13</sup> O número total de ocorrências desta perífrase encontradas no subcorpus do século XIX é 72. No Português do Brasil, este paradigma era, assim, muito mais frequente do que na variante europeia.

<sup>14</sup> Registámos 62 ocorrências deste paradigma na totalidade (em ambas as variantes do Português).

<sup>15</sup> Em ambas as variantes do Português, encontrámos 84 casos desta perífrase.

<sup>16</sup> O ponto de referência é representado por um ponto intermédio a partir do qual se pode localizar temporalmente o processo descrito (cf. Raposo 2013 I: 510).

<sup>17</sup> Por Português antigo entendemos a língua usada no Reino de Portugal dos finais do século XII até meados do século XVI.

<sup>18</sup> O período do Português clássico estende-se desde meados do século XVI e termina em finais do século XVII em que a língua portuguesa entra na época moderna.

<sup>19</sup> Nos séculos XIX e XX, na análise estão incluídas as ocorrências tanto do Português Europeu quanto do Português do Brasil.

## Bibliografia

- Chergova, Vesela. “Os Futuros do Indicativo: valores modais complementares”. *Ecos da Lusofonia*. Editora universitária Sveti Kliment Ohridski, 2012, pp. 225–232.
- Cunha, Celso; Cintra, Luís Filipe Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. João Sá da Costa, 1999<sup>15</sup>.
- Hricsina, Jan. “A Evolução do tempo futuro em português é cíclica?.” *Études romanes de Brno*, vol. 32, 2011/1, pp. 171–180.
- Huber, Joseph. *Gramática do Português Antigo*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2006<sup>2</sup>.
- Karcevskij, Sergej. “Asymetrický dualismus jazykového znaku.” *Principy strukturální syntaxe I*. SPN, 1974.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico – Volume I – Léxico e morfologia*. Imprensa nacional-casa da moeda, 2008.
- Mattos e Silva, Rosa Virgínia. *O Português Arcaico – Volume II – Sintaxe e fonologia*. Imprensa nacional-casa da moeda, 2008.
- Oliveira, Fátima. “O futuro em português, alguns aspectos temporais e/ou modais.” *Actas do 1º encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. 1985, pp. 353–373.
- Oliveira, Josane Moreira de. *O Futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança*. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006 (tese de doutorado) Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/posverna/doutorado/OliveiraJM.pdf>.
- Raposo, Eduardo Paiva (Eds.). *Gramática do Português – Volume I*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Raposo, Eduardo Paiva (Eds.). *Gramática do Português – Volume II*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.
- Said Ali, Manuel. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos, 2001.

- Silveira Bueno, Francisco da. *A Formação histórica da língua portuguesa*. Livraria Acadêmica, 1955.
- Svobodová, Iva. *Morfologie současného portugalského jazyka II. Sloveso*. Masarykova univerzita, 2014.
- Tláškal, Jaromír. “Remarques sur le futur en portugais contemporain.” *Philologica pragensia*, vol. 21(4), 1978, pp. 204–213.
- Tláškal, Jaromír. “Observações sobre tempos e modos em português.” *Estudos de linguística portuguesa*, 1984, pp. 237–255.

**Гл. ас. д-р Ян Хричина**  
Катедра по романистика  
Филологически факултет  
Чешки университет, Прага  
Адрес: Прага, Чешка република  
✉ [jan.hricsina@ff.cuni.cz](mailto:jan.hricsina@ff.cuni.cz)

**Assist. Prof. Jan Hricsina, PhD**  
Department of Romance Studies  
Faculty of Arts  
Charles University  
Address: nam. Jana Palacha 2, Praha 1, CZ-116 38, Czech Republic  
✉ [jan.hricsina@ff.cuni.cz](mailto:jan.hricsina@ff.cuni.cz)